

tria variável, que teve várias declinações. Em 2009, a Maison de la Poésie de Paris organizou um festival de poesia dedicando três dias exclusivos à obra de Zúñiga. E em 2011, foi realizada uma primeira apresentação de “selbisreveR same-oP (Poemas Reversíveis)”, obra baseada numa coleção antológica de poemas reelaborada acusticamente. Autor de vasta obra, plurilingue e multiforme, o trabalho literário de Zúñiga é uma fonte interminável de interrogações sobre a relação entre pensamento e linguagem.



TERESA ALBUQUERQUE é Diretora-delegada da Fundação da Casa de Mateus. Pós-graduada em Gestão de Empresas Culturais pela Escola de Comércio de Dijon e licenciada em Comunicação Social, criou, com Alvaro García de Zúñiga, a Associação blablaLab, um laboratório de linguagens e

formas artísticas. Foi vice-presidente do Instituto Internacional Casa de Mateus (2010-2015). Foi perita nacional do grupo do Método Aberto de Coordenação da Comissão Europeia para os sectores culturais e criativos (2012-2015). Integrou, como adjunta, os gabinetes do secretário de Estado da Cultura (2013-2015) e do primeiro-ministro (1996-1997).

Di
la dite *lady*
des dents
la Di du Dodi

la Di *die*
décédée
like Dodi did

dis-donc

a beautiful day
to die
a beautiful die
today

In *Quelques poèmes*
et autres *désolants déchts.*



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

**DIGA
33**

POESIA NO TEATRO
programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

DIGA ZÚÑIGA –
Alvaro García de Zúñiga



**TEATRO
DA RAINHA**

15 setembro 2026



ALVARO GARCÍA DE ZÚÑIGA

(Montevideu, 1958 – Lisboa, 2014) foi músico, escritor, encenador e realizador. Começou por estudar violino e composição em Buenos Aires. Chegou a Londres em 1984, passando depois por Madrid e Paris.

Leccionou teatro musical na Ecole du Passage, tendo sido posteriormente aceite para um Mastère de Management Culturelle organizado conjuntamente pela Escuela de Comercio de Dijon e La Saline Royale de Arc et Senans. De regresso a Paris, inscreveu-se num DEA de Estética e Ciências da Arte na Sorbonne para aprofundar estudos sobre a ligação entre arte e tecnologia. Obtido o diploma, fixou-se em Lisboa dedicando-se, sobretudo, à escrita. Criou então, com Teresa Albuquerque, o BlablaLab, uma estrutura modular de produção e edição. “Teatro Impossível”, em 1998, e “O Teatro é Puro Cinema”, no ano seguinte, foram os seus primeiros trabalhos teatrais em Portugal. Em 2003 e 2004, a trilogia radiofónica “Manuel” (“Manuel”, “Manuel II, LA LUCHA CONTINUA” e “Manuel III, LETZTE WORTE”) foi emitida na WDR3, uma estação de rádio pública alemã. “Manuel” – que teve origem numa obra para a primeira Bienal de Oeiras em 2000, em colaboração com os artistas plásticos João Louro e João Tabarra, com quem Alvaro García de Zúñiga se juntou no coletivo “Entertainment Co” – foi-se transformando numa obra de geome-

pequena história de introdução ao requiem

Um dia alguém lhe disse: “Tens cara de poeta”. Logo a ele, que era incapaz de um sonho, que se limitava a escrever números durante oito horas e depois mais nada. Além disso, alguém, talvez outra pessoa, lhe disse: “sabes, tens olhos de palhaço”. A ele, que não era sequer capaz de fazer rir uma hiena, ou fazer chorar um crocodilo. E muitas vezes lembrava-se de ter pensado que tinha mãos de pianista, apesar de nunca ter conseguido assobiar nem se comovesse com música. E numa manhã ensolarada, numa bela manhã de verão, com o céu azul que se podia ver enquadrado entre as portadas abertas da sua janela, acordou morto. Ele, com a sua cara de poeta, os seus olhos de palhaço cegamente abertos, e as suas mãos de pianista para sempre rígidas.

In *P(e) rosas*, tradução de Jorge Melícias.

(...)

— Quando eu era pequeno queria ser actor. E agora que sou actor, o que eu queria era voltar a ser pequeno, porque o teatro é uma traição. O teatro é uma verdadeira mentira. Não é mais do que um sonho feito de palavras débeis inábeis habilitadas e vestidas para se esconderem por detrás do vestuário extraordinário (e) da decoração.

— Quando era novo era um verdadeiro imbecil. Pergunto-me se terei aprendido alguma coisa.

— O que há de bom no teatro é que enquanto representamos não existimos. V(ej)amos: o teatro mais não é do que literatura para ver, vêς? É o já visto. Confesso que quando estava vivo gostava, adorava teatro. Para passar o tempo todo a queixar-me dele sem jamais o poder deixar. Desde que morri — e eu morri com a morte na alma — se há algo que me causa estranheza, pela ausência, é o teatro. O teatro é estranho.

— Que emoção(-não?). E depois no teatro existe poesia por todo o lado.

— Quando for grande, vírgula, serei, vírgula, saberei, vírgula, ser actor, outra vírgula, e direi as minhas deixas como se as tivesse acabado de inventar.

(...)

In *O Teatro é Puro Cinema*, BlablaLab / Teresa Albuquerque, tradução de Jorge Melícias (a partir da versão espanhola).